

Subsídio para o estudo do factor Rh em Macaenses

POR

ANTÓNIO DE ALMEIDA

Em 1953-1954, a Missão Antropológica de Timor, que tive a honra de chefiar, examinou cerca de meia centena de Macaenses — chegados à Província Portuguesa desse nome para trabalhar como operários contratados pelo Governo local —, havendo feito sobre os mesmos numerosas observações merísticas e fisiológicas, de impressões digitais e dos grupos sanguíneos ABO, cujas conclusões já foram em parte tornadas públicas.

A série dos grupos sanguíneos clássicos foi, em 1957, ampliada pelo Centro de Estudos de Etnologia do Ultramar, compreendendo agora 130 determinações, as quais com as 355 provas de idêntica natureza obtidas por R. VIEIRA, perfazem perto de meio milhar, montante portanto que me parece ser suficientemente grande para dar resultados estatísticos dignos de mérito.

Presentemente, e a par destes exames sero-antropológicos, conta-se a série de factores Rh, há poucos meses realizada por mim, em Timor, sobre alguns dos referidos Macaenses e outros posteriormente vindos para ali, num total de 86 homens — 26 artífices contratados pelo Estado e 60 presos, enviados pelo Tribunal de Macau.

Os indivíduos estudados possuíam as características somáticas fundamentais dos Chineses do Sul, entre as quais se salientam: estatura abaixo da média, corpulência fraca, cabelo liso, mesocefalia, cor amarelo-terrosa, mesorrínia, média espessura dos lábios e obliquidade das fendas palpebrais — acompanhada em alguns exemplares de prega mongólica, esboçada apenas em outros.

Tratando-se, segundo creio, do primeiro trabalho desta índole feito sobre Macaenses, utilizarei a série indicada em virtude de não ter sido exequível convencer a prestarem-se às provas hematológicas mais componentes de ambos os sexos da colónia chinesa em Timor Português

— mais de três mil pessoas, exercendo quase exclusivamente a profissão de comerciante.

Conquanto pequena, a série em estudo é superior às dos Italianos de Macarata (50 observações) e de Ferrara (66), Bascos (44), Espanhóis «Agotes» (51), Mexicanos espanhóis (50), Chineses (30) e Javanese de Surinan (31), aproximando-se das séries dos Tuaregues de Azqter (89), Eritreus (85) e Mexicanos nativos (90) — conseguidas respectivamente por MAURIZI (em 1950), NOTATO e PODEVAN (em 1950), GUASCH (em 1948), HORS (em 1951), COLLIER e colaboradores (em 1952) e por JACQUEMIN (em 1952), LOW (em 1948) e SALAZAR MALLEN e MARTINEZ (em 1947).

*

Na impossibilidade de, por falta de corrente eléctrica, me servir da caixa de visualização dos laboratórios — dotada de faces brilhantes e aquecida por lâmpada de 25 W —, fiz as determinações do factor Rh, utilizando o método de Laszczower, que consiste em empregar um frasco de vidro de faces planas, contendo água quente a 40-35 graus centígrados (temperaturas verificadas com termómetro apropriado), substituída logo que descesse de 1 a 2 graus.

Após a lavagem do dedo indicador do observando, retirava uma gota de sangue e punha-a na superfície do recipiente, colocando a seguir sobre ou ao lado daquela uma gota de soro anti-D Sanitas, contido num frasco conta-gotas — conservado abaixo de 0° dentro de um frigorífico ou em caixa refrigerada, conforme as circunstâncias locais.

Com uma vareta de vidro, bem limpa, misturava os dois líquidos homogêneamente, agitando levemente o recipiente da água.

Em geral, a reacção não se demorava, graças à grande sensibilidade do soro-padrão; ao cabo de 3 a 5 minutos, fazia a classificação e, quando as aglutinações não eram nítidas macroscòpicamente, repetia as provas, desaproveitadas no caso de incerteza.

*

As percentagens e respectivos erros das determinações do factor Rh nos 86 Macaenses do sexo masculino distribuíram-se assim, segundo a presença de positividade ou negatividade:

$$\begin{array}{l} \text{Rh +} = 85 \text{ ——— } 99,00 \pm 1,07 \% \\ \text{Rh -} = 1 \text{ ——— } 1,00 \pm 1,07 \text{ \textgreater} \end{array}$$

Em face dos valores expostos, reconhece-se que, entre os Chineses de Macau, a Rh positividade é elevadíssima, tal qual o que acontece com seus irmãos de raça já estudados sob este importante aspecto serológico — tão valioso na caracterização dos grupos étnicos que LAHOVARY não hesitou em considerar o factor Rh precioso auxiliar da biometria clássica e tanto ou mais especificamente racial do que os restantes principais sistemas sanguíneos até agora descobertos.

Realmente, os povos mongolóides quase não possuem Rh negatividade e, quando esta propriedade existe, não passa de percentagem insignificante atribuída a influxos negróides ou caucasóides; que a presença do Rh negativo é escassíssima demonstram-no a minha série e os seguintes dados estatísticos mais volumosos, transcritos de MOURANT e colhidos em Chineses dentro ou fora da sua terra natal, respectivamente pelo Banco de Sangue de Hawai (em 1950), por PAN (em 1950), LEVINE e WONG (em 1943) e SUTARMAN (em 1951).

N.º de casos	Grupos étnicos	%	
		Rh +	Rh -
330	Chineses	99,70	0,30
2.324	> de Pequim	99,40	0,60
150	> da cidade de Nova Yorque	99,33	0,67
101	> de Jacarta	100,00	—

Esta flagrante uniformidade bio-serológica levou MOURANT a afirmar que os Chineses, não obstante o seu elevado montante demográfico e se haverem espalhado por imensa extensão territorial e serem ainda herdeiros de pujante civilização milenária largamente expandida, mais do que outros povos mantêm as suas características raciais, cuja estabilidade continua a ser favorecida pela invencível relutância que os Mongóis manifestam ao cruzamento com gentes de diferente origem, nomeadamente caucasóides e negróides.

Por isso, em Timor Português se, de onde em onde, os Chineses do sexo masculino se mestiçam com mulheres nativas, nunca ou excepcionalmente ocorre facto inverso.

As observações do factor Rh que fiz sobre 2.979 nativos de Timor (2.768 ♂ e 211 ♀) levaram aos seguintes resultados:

$$\begin{array}{l} \delta \left\{ \begin{array}{l} \text{Rh +} = 99,50 \pm 1,07 \% \\ \text{Rh -} = 0,50 \pm 1,07 \% \end{array} \right. \quad \begin{array}{l} \left. \begin{array}{l} \text{Rh +} = 100,00 \% \\ \text{Rh -} = \text{—} \end{array} \right\} \end{array} \end{array}$$

Semelhantes elementos estatísticos permitem afirmar que as percentagens de Rh positividade e de Rh negatividade em populações deste território português se aproximam bastante das correspondentes obtidas em Macaenses, chegando a sobrepor-se em grande parte dos grupos etno-linguístico de Timor, e sempre com ausência ou escassez de Rh negatividade.

Como explicar tal analogia ou identidade? Ao pôr esta pergunta, recorro naturalmente a hipótese de Rivet — segundo a qual a Insulíndia teria sido o centro de irradiação de gentes que posteriormente povoaram o Mundo —, perfilhada e desenvolvida por MENDES CORRÊA — considerando a Malásia ou terras vizinhas zonas de evolução ou diferenciação antropogenética — e reforçada por MAGALHÃES MATEUS com argumentos sero-antropológicos fornecidos pelo sistema ABO. Esta doutrina parece ser corroborada pelos achados paleontológicos e paleto-lógicos feitos na Insulíndia; entre estes últimos, têm lugar de relevo, as indústrias paleolíticas sobretudo, e as neolíticas de Timor Português, recentemente descobertas e estudadas, as primeiras por MENDES CORRÊA, ANTÓNIO DE ALMEIDA e RUI CINATTI, e as segundas também por mim.

Por outro lado, o fenótipo O, humano por excelência e tido por BERNSTEIN e HIRSZFELD como o mais primitivo, aparece na Malásia ou em terras vizinhas do Extremo-Oriente com maior percentagem do que em outras regiões do Globo; paralelamente, nos Chineses, Timorenses e Indonésios, o fenótipo Rh positivo pode ser tomado como o mais primitivo, do qual, com o advento de novas vagas dêmicas ou por transformações bioquímicas operadas no sangue humano através das gerações, resultaria a Rh negatividade dos Negros e dos Brancos — gentes estas em que tal propriedade atinge valores apreciáveis (acima de 15 %, culminando em 40 % nos Bascos).

Como em outra oportunidade declarei, a confirmação da hipótese do paralelismo de frequência de O e Rh e do seu merecimento em antropologia só virá a confirmar-se depois de mais demoradas e amplas pesquisas hematológicas, a efectuar sobre todos os grupos étnicos do Extremo-Oriente, labor em que, certamente, os investigadores portugueses hão-de partilhar ainda mais extensamente.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, ANTÓNIO DE — Contribuição para o estudo da antropologia serológica dos Nativos de Timor Português, Macau e S. Tomé e Príncipe. «Estudos Ultramarinos». Vol. v, Lisboa, 1955.

- ALMEIDA, ANTÓNIO DE — Do factor Rh na antropologia de Timor Português. Comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, 1958.
- ALMEIDA, ANTÓNIO DE — Contribuição para o estudo do factor Rh em povos não-Bantos de Angola. A publicar em «Garcia de Horta». Lisboa.
- LAHOVARY, M. — Le sang des peuples. Paris, 1954.
- LESSA, ALMERINDO — A individualidade biológica do sangue, Porto, 1956.
- MATEUS, A. DE MAGALHÃES — Contribuição para o estudo da seroantropologia, Porto, 1947.
- MENDES CORRÊA, A. A. — Timor Português, Lisboa, 1944.
- MENDES CORRÊA, A. A., ALMEIDA, ANTÓNIO DE, e CINATTI, RUI — Preliminary notice of a palaeolithic station in Eastern Malaysian Archipelago (Portuguese Timor) In «Actas do IV Congresso de Prehistória do Extremo-Oriente», Manila, 1954.
- MENDES CORRÊA, A. A., ALMEIDA, ANTÓNIO DE, e CAMARATE FRANÇA, J. — Découvertes préhistoriques dans Timor Portugais. «Actas do Congresso Internacional de Pre e Protohistória», Madrid, 1954.
- MOURANT, A. E. — The distribution of the human blood groups, Oxford, 1957.
- VIEIRA, R. — Cit. de Almerindo Lessa.